

30
1900
7

Grênça & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

4.^a SERIE

N.º 7

DIRECTOR

P.^e A. Antonio Mariano

«signatura: Quinhentos réis por anno

Sociedade

SUMMARIO

Injustiça social, *Bruno d'Almeida* — Formar o caracter, *Padre Antonio Hermano* — Graças e Prece (poesia), *A. Moreira Bello* — Religião e Patria, *K. F. Fontinha* — Sonhando (poesia), *Mattos Ferreira* — Letras, *A. H.*

REDACÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMÁSO
—
GUIMARÃES

À IMPRENSA

Ahi vae outra mão-cheia de publicações, que são outras tantas gentis visitas que a nossa redacção tem recebido:

«**Revista catholica**»: Desfralda a bandeira da nossa religião e apresenta-se como guarda avançada da Igreja e clero, cujos direitos e liberdades sabe salvar e guardar. Dirige-a a vigorosa penna do Conego Ferreira do Amaral e edita-se em Vizeu.

«**Revista de Guimarães**». E' órgão mensal da Sociedade Martins Sarmento, resolve questões archeologicas e economicas, apresenta uma interessante secção de superstições populares de grande alcance para o estudo da indole nacional.

«**Progresso catholico**». Quinzenario portuense redigido por A. do Amaral; trata de religião litteratura e artes.

«**Estrella do Minho**». Publicação semanal de Villa Nova de Famalicão. Optima impressão e redacção distinta. A parte litteraria é selecta e a bibliographia bem traçada.

«**Aurora do Cavado**». Hebdomadario bibliographico barcellense. Registo de todas as publicações recém-editadas, dia a dia, de todo o movimento litterario portuguez. Superintende á sua redacção uma penna altamente cotada no mundo das letras, a de Rodrigo Velloso a quem á *Crença e Letras* deve extremos de benevolencia.

«**Correio de Cintra**». Semanario politico, illustrado e litterario sob a direcção de Raphael do Valle.

«**Commercio de Barca**». Director, Leite Ribeiro; órgão d'interesses locais de Ponto da Barca.

«**Jornal de Paços de Ferreira**», publicado pela commissão municipal republica. E' semanal.

«**Vida Nova**», tri-semanario in-

dependente de Vianna do Castello. Redigem-no H. Bravo e R. Pereira.

«**A Aurora do Tamega**», amarantino, dirigido por Teixeira Carneiro.

«**Voz da Verdade**», catholico de Braga. Redactores, Padre Roberto Maciel e dr. Martins Peixoto.

«**A Vida Moderna**», portuense. Director: José Castanheira.

«**O Minho**», semanario politico de Villa Nova de Famalicão, por Rodrigo Terroso.

«**A Cruzada**», catholico. Villa Real. Proprietario: Emilio Pinto da Silva.

«**O Desforço**», republicano de Fafe. Proprietario, Pinto Bastos.

«**O Ave**» noticioso e independente de Villa do Conde.

«**O Povo Espozendense**», independente. Proprietario, Silva Vieira.

«**A Opinião**». Redactor Baptista Ribeiro Semanal, de Braga.

«**O Progresso**» de Guimarães. Proprietario, Abilio Coutinho.

«**A Verdade**», de Marco de Canavezes e Baião. Director: Borges d'Araujo. *A. A.*

Lições de bem escrever

TENTATIVA DE UNIFORMIZAÇÃO

Onde se escreve	Escreva-se
Callar	Calar
Fallar	Falar
Amisade	Amizade
Rasao	Razao
Atravez	Através
Atraz	Atrás
Quiz	Quis
Portuguez	Português
Estylo	Estilo
Colyseu	Coliseu
Satyra	Sátira
Eschola	Escola
Empreza	Empresa
Cortéz	Cortés
Sahir	Sair
Cahir	Cair
Author	Autor
Thiago	Tiago
N'um	N'uma
N'aquelle	Naquelle
Civilisar	Civilizar
Sepulchro	Sepulcro
Cautella	Cautela

Injustiça social



IA neste vasto campo social, sobretudo ahi onde a enfatuada civilisação fez estendal de suas grandezas e de seus triumphos, um clamor ora sereno, ora violento, ora ameaçador, contra as indiziveis desigualdades campeadas entre os homens, que são irmãos e eguaes.

Os que possuem a videncia do futuro e lhe lêm os negros prognosticos, fazem rebates de alarma, tremem das tempestades que se hão de ferir, e inquirem, com vivo ardor, se haverá no alcance da sciencia ou da fé algum remedio bento que possa conjurar o immenso desastre, se haverá assaz potente lima para esgastar as arestas cortantes das miserias dolorosas.

Sem dizer da solução radical que socialistas e anarchistas nos pregoam, num desvairamento insano, que não lhes deixa ter a visão do absurdo que theorisam, é certo que ensaios multiplos de cura, hão sido tentados, por quem preside aos destinos

dos povos, já fazendo evolucionar as legislações em sentido paralelo ás aspirações dos publicistas e agitadores, já bridando, com medidas de repressão dura, os impetos ousados dos estouvados apóstolos da demolição social.

Não haja, todavia, illusão sobre a efficacia de taes panacêas. A onda galga sempre.

A revolta a rir-se das concessões feitas, recusa a conciliação e exige mais, muito mais, tudo! Se a prendem na enleia ferrea da repressão, proclama-se martyr e santa, fumeça em iras, açula a vindicta, despedaça a jaula!

Mas entre os peoneiros da salvação social, levanta-se um batalhão sagrado, de cuja invencível energia não ha duvidar. E' a Igreja Catholica quem arregimenta esses benemeritos legionarios. Guardem já, em toda a linha social, os postos avançados, onde o fogo é vivo. Deu-lhes alma a voz grande de Leão XIII, o pontifice providencial. Já a sua acção influe, domina, verga impetos, aqui e além. Amanhã a victoria será geral, evidente, porque o espirito de Deus, a fé ardida, paira sobre os luctadores.

A seu chamamento já acodem hostes!

O operariado escuta-os e crê-os.

Desvendam-se as mentiras dos genios da maldição, arautos da ruina.

Caem desfeitos os sophismas e as calumnias.

Principia o proletariado a vêr a quanto montam as utopias de seus caudilhos e como é impossivel realisal-as.

Não ha contesta-lo: o segredo da harmonia social está na christianição dos povos. O Christia-

nismo cumprido como o Evangelho o ensina é a unica lei de salvação.

O Christianismo é a sublimação das classes desamparadas de fortuna, é a mais alta, a mais egualitaria, a mais fraternal das philosophias.

O Christianismo, cumprido lealmente, não deixa parar as riquezas na mão dos felizes, não consente os irritantes desvairamentos do luxo, condemna as opulencias, estigmatiza os vexames do capital, a tyrannia da riqueza.

O Christianismo tem para com os pobres, para com os que trabalham e soffrem, os desvelos mais carinhosos, as devoções mais acendradas. Dá-lhes de tudo, ou mesmo tudo o que tem, com extremos de sacrificio.

Não póde vêr sem lagrimas a dôr do enfermo, a tortura do escravo, a mingua do pobre, as infelicidades mil da innumeravel legião dolorida. O christão despoja-se, em beneficio do proximo, não por esmola, que humilha quem soccorre, e sim por dever, que é essa a lei basilar de seu Credo religioso.

Christianisada a sociedade, estará por esse mesmo factó resolvida, por completo, a temerosa questão que hoje sobressalta o mundo.

Bruno d'Almeida.

Formar o caracter



os educadores cumpre ter sempre em foco esta sua obrigação, que é a primeira entre as primeiras: — *formar o caracter* dos educandos.

Entre nós, quasi sempre se intende que educar é apenas ensinar. Vê-se, amiude, que o ideal que consomme as melhores preocupações, dos que lidam nas officinas misticas de educação, é ensinar proficientemente.

Attingido esse alvo, toda a missão se julga cumprida, todos os louros colhidos e a consciencia numa alegria. Dá-se relevo ao exito da parte literaria dos institutos de ensino, e deixam-se no escuro, descem-se á plana das coisas sem valia, os processos educativos destinados a lapidar a alma, como se lapida um diamante. Importa muito ao publico e ás casas d'ensino, que um joven se enrame de distincções, e trasborde de conhecimentos e agúe d'inveja ainda os sabios, mas importa nada que a fi-

dalguia d'essa intelligencia louçã, seja ensombrada pela vilania d'um coração endurecido de más tendencias, pelas asperidões d'um caracter inamoldavel á fôrma do dever. Lastimoso erro!

Funestissimas são as consequencias de tal incompreensão da missão educadora. E' dar azas á intelligencia e garras ao coração: é pôr no cerebro a luz e na mão o punhal. Não é assim que a sociedade hade levantar-se, e sublimar-se, para a leal comprehensão dos deveres que a alicerceiam, mas ha de afundar-se na maldita rebellião do mal e recuar-se aos exageros do egoismo feroz, que dará o fragor das ruinas e o clarão dos incendios. Ahi se está exhibindo, eloquente, a confirmação integral de nosso dizer: talentos incontestados, crescidos, como flores de pantano, sobre inconfessaveis perversões do caracter. E' de todos os dias, para infelicitação nossa. Vale muito pouco o saber, é pernicioso a illustração, quando a não ampara, como viatico santo, a rectidão do caracter e o senso moral.

Educadores e familias olhem attentos para esse lado, o mais alto de sua difficil missão. Lancem nas almas juvenis, que Deus lhes confia, a semente do Bem e só depois, sobre esse stractum feraz, cultivem a seara do Saber. E tanto mais carinhoso e tenaz seja esse cuidado de formar, no Bem, os caracteres, quanto é certo que de todos os lados sopra com furia a ventania do vicio. Cumpre que os membros d'este sacro sacerdocio da educação, travem séria batalha contra os insanos processos até hoje seguidos e trabalhem corajosamente, por lançar sobre a sociedade moralmente invalida, que está em scena,

uma sociedade de homens de *virtude* e de *character*.

Devem taes esforços ser dirigidos para a vitalisação da *vontade*. Cumpre acordar e disciplinar esta grande força *psychologica*. É n'ella que se encontra o solar egregio da *virtude*: urge pôr-lhe em vibração as energias fecundantes. Esta faculdade, bem trabalhada por educador habil, desentranhará-se em incalculaveis riquezas de *character*. Combata-se no educando a passividade, ou antes a escravidão moral, que lhe apaga e esbate a individualidade, até o converter em fraco manequim, onde a turba dos vicios pullula, sem resistencia. Avive-se, pelos muitos meios suggeridos pela sagaz industria educativa, a iniciativa propria; insinue-se o immenso valor d'um esforço persistente; habitue-se o joven a ter em linha de conta a força real e operosa do *eu*.

Mas para que o cultivo da *vontade* dê seara lourejante de fructos de senso moral, faça guerra sem treguas a tudo quanto, de longe ou de perto, traga o estigma da *impostura*. Nada, tão lesto, esterilisa e perverte um *character*, como a negregada *hypocrisia*. Contra essa praga maior da educação, se voltem as mais finas energias do cuidado. Fomente-se em tudo e por tudo o culto fervoroso da verdade, da sinceridade, da franqueza, da lealdade. Para aquilatar o espirito e o amor da justiça e da verdade, não se perca um ensejo, um indício, uma occasião. Vergaste-se esse demonio da educação com a mesma santa colera que sempre merecia a Jesus, pois que ella, *damninhã*, converte em ninho de profundas aberrações moraes, a alma em que

rasgou brécha. Acudam e vigiem os olhos claros do educador, se querem immunes d'esse morbo, as almas graceis, seus amores e seus cuidados.

Conscio o joven educando de sua força volitiva e de sua forte entidade moral, aberta a alma docil aos clarões immaculados da verdade, que odeia a impostura, resta ao educador ir levantando do solo, aos lanços, o edificio a que deu solidos alicerces.

Tome conta em dar logar de prestigio excelso aos deveres religiosos. De Deus, como do sol a luz, vem todo o principio da educação moral. E' o primeiro êlo do maravilhoso edificio social. Eleve-se a alma do joven até elle, para que o adore e para que sollicitamente cumpra os preceitos da sua Igreja, por convicção, com sinceridade, não por impulsos de rotina, contrafeito, impio.

Quanto punge ver, tantas vezes, que a impiedade enraizada num coração, foi devida á impericia de quem o iniciou mal, nas coisas de Deus!

A par d'esse bello lanço de educação religiosa erga o preceptor, com identica sollicitude, esse outro pannejamento da educação social, tão vasta, tão complexa, e da educação individual, numerosa de deveres a que, desde a meninice, cumpre amoldar os habitos e as inclinações.

Se nestes nobres intuitos, todos guiassem, com amor, a juventude d'hoje, breve se realisaria na sociedade uma renovação consoladora.

P.^e Antonio Hermano.

Graças e Prece

(No nascimento de um de meus filhos — 3 de dezembro de 1871)

Minha mãe, Virgem santa, immaculada,
A vossos pés eis triste peccador :
Pouco sou, verme vil, não valho nada,
Mas grande é para vós o meu amor ;
A existencia arrastando n'este exilio,
Sincera é minha fé no vosso auxilio.

Embora pobre, é vossa a lyra minha ;
Pois a vossa bondade celestial
Graciosa acolhe assim flor montezinha
Com que orna o vosso altar simples zagal,
Como o diamante que depõe mão régia
Aos pés da vossa imagem nobre e egregia.

O' Mãe do Deus que o seio ás mães fecunda,
Propicia escuta pois minha canção :
Fructo do gozo que minha alma inunda,
De graças e fervente e viva acção ;
Mas é também supplica humilde e ardente,
Que elevo ao vosso throno refulgente.

Ab eterno elegera-vos o Eterno
Para Mãe de seu Filho, o Redemptor,
Do poder preservando-vos do inferno,
Da herança do peccado assolador :
E n'este dia a universal Igreja
Sem mancha concebida vos festeja.

Dia para o christão mui jubiloso,
 E' duplamente para mim feliz,
 Pois que mais um filhinho Deus piedoso
 Hoje ao meu coração conceder quiz :
 Vós por esta mercê consoladora
 Dae-lhe graças por mim, terna Senhora.

De nascer em tal dia é grande a gloria,
 Honra insigne e ventura sem igual ;
 Por isso o nome seu fará memoria
 Do nome vosso (1), em preto filial :
 Nome de tão suave melodia,
 Que é de anjos creação, doce MARIA !

Sois a arvore da vida replantado
 Por mão de Deus no valle dos mortaes,
 E fiadora da dita sublimada
 Acima do que um dia nossos paes
 Gozaram, virtuosos e innocentes,
 Do Eden nos campos bellos e florentes ;

A vós pertence a graça, a vós bondade
 Misericordia ao pé de Deus,
 A vós clemencia e meiga piedade,
 A vós poder munifico nos ceos :
 Escutae pois, ó Virgem gloriosa,
 Submissa prece de minha alma anciosa.

Fazei que sulque o recém-nado filho
 O mar dá vida em placido baixel ;
 Que seja da honra e da virtude o brilho
 Fanal que siga sempre attento e fiel ;
 Que da descrença, que atormenta o mundo,
 Jamais o toque o bafo torpe e immundo.

Por vós, ó Mãe divina, tutelado,
 Justo orgulho dos seus e honor será ;
 Será leal á patria e dedicado,
 E outra patria melhor merecerá.
 Eis a prece que esta alma vos levanta
 Nas azas da esperanza, ó Virgem santa.

A. Moreira Bello.

(1) Guilherme Maria...

Religião e Patria



Os mais alevantados vãos do espirito humano são negavelmente o amor da Religião e o amor da Patria.

Por um lado, desprendemo-nos do corruptivel e ephemero para nos guindarmos até ao immutavel e perpetuo; por outro lado, cruzamos lanças, desfraldamos bandeiras e derramamos impavidos até á ultima gotta de sangue, em defeza da gleba de terra que serviu de berço e de tumulo a nossos avós, que ouviu os nossos gemidos de infancia e que, amanhã, escutará o nosso ultimo suspiro no leito d'agonia.

Por um lado, esse élo maravilhoso, feito d'emanções divinas, que prende num intimo abraço a creatura ao Creador; por outro lado, esse impulso inexplicavel mas existente, essa tendencia irresistivel e natural para as idéas e para os homens, para o firmamento e para os astros, para as virações e para as nebrinas, para as espaldas e para as collinas, para as aguas que beijam as nossas praias e

para as correntes que sulcam os valles do nosso torrão natal.

Religião e Patria! — dois ideaes estupendos, admirabilissimos, prodigiosos; duas correntes magneticas d'onde resaltam á maravilha scintillas de santidade e chispas d'heroismo.

E, assim como o divino sobreexcede e se avanta ao humano, assim tambem o primeiro d'estes sentimentos sobrepuja o segundo na sua origem, na sua acção e nos seus effectos.

Vêde um corpo sem alma e tereis uma idéa do que é o homem sem Religião.

E' ella que produz os heroes mais destemidos e que sublima a heroicidade; vence todos os obstaculos e derruba e põe por terra todas as difficuldades; dá impulso á vontade para o bem e descortina novos e amplos horisontes á intelligencia para a verdade.

Como é grande e imponente o edificio da Religião christã e alevantada a sua historia! As suas paginas são doiradas, os seus heroes são mais do que homens.

Patenteia-se ahi uma cadeia infinita de feitos que deslumbram, de dedicações que surpreendem. Admira-se a constancia incomprehensivel de tantos e tantos martyres, que deram a vida pela sua doutrina. Sente-se o pulsar de muitos corações fervorosos, todos palpitantes e empenhados na rota do mesmo ideal, todos vibrando a corda das sublimes aspirações.

A Religião do divino Nazareno aureolou-se com o diadema de coruscante brilho que cinge a

fron­te de seu fundador, e tem conseguido canalisar os seus ensinamentos ao seio das sociedades civilisadas e até ás plagas adustas e inhospitas da Africa e da America. Envergou a couraça triplice da verdade, do bem e do bello, e tem sido sempre a bussola poderosissima, que dá norte e rumo ao homem no meio d'este oceano embravecido.

Pharol sempre acceso para evitar naufragios, força sempre intensa para alevantar abatimentos, sol sempre radiante para desenoitecer caligens, torrente sempre caudalosa para expurgar escorias, a Religião é a *alma mater* de todas as acções valorosas, o principio vital de todos os sentimentos nobres.

Não conheço elemento algum que mais se lhe approxime do que é o amor da Patria. Este é um fluido electrico, que, se não tem como aquelle o influxo do ceu, reúne em si, por uma cohesão incomprehensivel, todas as forças vivas do coração humano.

De pygmeus faz titães, de caracteres dessordos faz peitos d'aço.

A Historia da humanidade está repleta d'estes rasgos de valor. Em cada pagina ha uma lição eloquente de patriotismo, sempre que o guia supremo seja a Fé Catholica.

Irmanem-se os dois sentimentos!

Veneremos a Religião e amemos a Patria!

Sonhando



Porque razão não sei.
Mas n'isso fiz reparo, assim que entrei.

É instinctivo o que do amôr provêm.

Entanto descuidadas, entretidas,
com minha irmã mais nova, minha mãe,
conversavam fazendo não sei quê.

A vista e a attenção tinha absorvidas,
como quem se enamora do que vê.

De que fossem artigos que elle usava,
nem duvida restava.
Que fosse isto, porem, ou fosse aquillo,
não posso defini-lo.

Talvez de um fato as peças sobrepostas,
lançadas sobre as costas
de um qualquer movel, que não era o leito.

Nas curvas e medidas,
o corte m'ò lembrara, — e um pouco d'esse geito
das roupas já vestidas.

Naturalmente
de casa comprehendí, que estava aus ente.

Com amigos privava áquella hora?!...
De cavallo andaria lá por fóra?!...

E perquiri, mas sem intuito algum :
— É meu pae?...

É tão commum,
em familia indagar-se de quem sae!...

— Teu pae?! — minha mãe diz, surpresa da pergunta.

Notei o espanto seu...
o seu pallor e ar! . .

Mas vendo que a olhava, acode e junta:
— Teu pae... perguntas!!?... Não sabes que morreu?!!...

Em mim caindo então, rompi a soluçar!...

Mattos Ferreira,

PRIOR EM CINTRA.



Letras

D. Sebastião, por Luiz de Magalhães. Poema symbolico-historico em tom de elegia. Herdou de seu pae com um nome glorioso, um talento d'eleição — valiosa herança! — e como tributo de gratidão dedica-lhe um poema digno d'ambos e que é mais uma palma a enramar-lhe, seu brazão de gloria.

Tece com os fios d'ouro da phantasia popular a lenda do sabastianismo docemente melancolica em que se cristalizara a dôr nacional.

Palpita ali a allucinação heroica e exaltação religiosa da velha alma portugueza — uns restos da cavallaria mistica das cruzadas; desdobra-se como um sudario d'amarguras o desenlace tragico de Alkacer; desfilam — parada espectral! — todos os vexames, crimes, orgias, sacrilegios, ruinas; lugubre cortejo, saimento funebre, embalado numa toada sinistra como um dobre a finados. Emboca a tuba epica cantando glorias passadas em estrophes esculpturaes, abrindo sobre a bruma espessa do presente uma nesga de azulada esperança pelo futuro.

Ha solemnidade de phrase e magestade de pensamento. Percebe-se o trabalho do esmeril no acabado dos relevos, no puido das formas, admira-se a riqueza de colorido, a viveza de tonalidades, a delicadeza de matizes nas descripções.

O esmero esthetico do estilo casa-se com a harmonia melancolica da idéa. Uma elegia que faz lembrar o ultimo canto do cysne.

Curvem-se todas as lyras e prostrem-se todas as pennas perante o grande poeta que tão divinamente soube sentir e exprimir toda a poesia d'esse, sempre *desejado* que surgirá algum dia da magica Ilha Encoberta numa manhã de nevoeiro. . .

Ao cantor, espera-o o Pantheon da Historia Literaria.

Auto dos esquecidos, por Souza Monteiro. Consagração aos *pequenos*, anonymos, com cujo sangue suor e lagrimas se amassaram os pedestaes dos heroes de que a historia guarda os nomes, como um sacratio. Drama puramente portuguez na suave melancolia da inspiração, no talhe genuinamente classico do estilo, na escolha acertada das redondilhas; tudo ressumo aquella alma antiga ardente de mysticismo, febril d'aventuras.

Divide-o em tres jornadas; a primeira descerra-a em Lisboa; talha a despedida d'um mareante para a India entre as preces d'uma avó, os soluços d'uma amada e as benções d'um padre: a segunda, em Calcut, a bordo da S. Raphael; dá-nos um trecho vivo da vida maritima em ferias da faina, espirrando seiva e alegria, seguido do quadro lugubre do passamento d'um marinheiro, á vista da terra da *promissão*: na terceira recolhe os echos de magua, as lagrimas de saudade, as crispções do desespero dos que ficaram, cuja tristeza é o claro-escuro da gloria dos *grandes*. Escasseiam-lhe, talvez, os effeitos scenicos, choques violentos do theatro moderno, mas synthetisa tola a amargura acre-doce d'uma nação que vive de glorias idas e evoca-nos á alma a memoria do passado, com ar de santidade, aureolado pelo melancolico esplendor da saudade. Como peça litteraria é uma joia, digna de emparelhar com as melhores de Gil Vicente e Resende em cujas lyras vibra mais expressivo o velho coração portuguez e se pinta mais fiel o verdadeiro character da nação. O prologo é peristilo primoroso que deixa adivinhar a magnificencia interior da obra; peles uma lagrima para os esquecidos: humilde pedido, bem dita esmola!

Antunes.

O famoso Galvão — Teixeira de Queiroz (Bento Moreno)cionista de larga fama, lançou ao mercado literario mais este volume de sua *comedia Burgesa*. Heroe do romance, Galvão é um inverosimil aventureiro que na America, sob a obsessão da riqueza, de audacia em audacia, conquista alfim o seu *milhão*. De volta a Lisboa, sempre no delirio da riqueza, ostentoso e opulento, enamora-se da nobre Silvia que, por salvar as finanças mal paradas, lhe acceta a côrte. N'este momento de sonhos felizes, recebe Galvão a noticia fulminadora da ruina total de sua fortuna. Resultado: o suicidio. Tal, em duas palavras, o enredo.

O livro encerra lição varia, pintando mais de um lanço de nossa sociedade burgesa, dá typos de curiosa realidade, e o estilo sae fluente e correcto, ainda que não se pôde adjectivar de primoroso. Não é leitura que faça mal, mas tambem não enriquece a intelligencia nem o coração: distrac inoffensivamente.

Boninas do Prado — Por Antonio José Gonçalves.

É um pequenino tomo de poesias, bordadas caprichosamente sobre mil assumptos. É o registo dos primeiros adejos d'um poeta que ensaia as azas. É uma galeria de recordações d'uma juventude que, a chorar saudades, desperta para a vida.

Tem senãos o livrinho (milagre fóra não os ter) mas tem bellezas puras, que, como abelhas doiradas, zumbem o rumor das esperanças riso-nhas. Realisem-se ellas todas, num futuro proximo: eis o nosso voto sincero.

A. H.

Mealheiro literario

Estar como peixe nagua.
Não ter papas na lingua.
Mentir com todos os dentes da bôca.
Fazer-se de novas.
Cá e lá más fadas ha.
Mãos frias, coração quente.
Pescar trutas a bragas enxutas.
Bom como o bom melão.
Procurar agulha em palheiro.
Uma vez a Cascaes para nunca mais.
Falar sem cuidar é atirar sem apontar.
Cada qual sabe as linhas com que se cöse.
Quem quer bolota atrêpa.
Matar d'uma cajadada dous coelhos.

A. A.

VARIAS NOTICIAS

Exames

Têm corrido com a costumada felicidade os exames dos alumnos d'este collegio.

Entre estes já bastantes foram premiados com bem merecidas *distincções*.

No proximo numero d'esta revista, tencionamos dar uma lista completa de quantos fizeram este anno exames; por isso nos abstemos hoje de fazer relação de nomes.

H.

No dia de S. Luiz

No dia 21, consagrado a S. Luiz, houve sessão solemne da Associação. O rev. Amandio, digno presidente, abriu com uma allocução quente e piedosa, exaltando as virtudes de S. Luiz e afervorando-lhe o culto nos corações dos jovens, facilmente inflamaveis. Recitaram trechos poeticos os alumnos Cunha, Albuquerque, H. Miranda e Annibal M.; apresentaram breves dis-

ursos J. Miranda, Jorge e Cypriano. Todos mereceram as palmas com que foram aclamados. O rev. Abel com uma poesia original, foi muito festejado.

A orchestra distinguu-se com umas coplas do *Ali á preta*, e ao piano revelou sua cultura artistica, Arlindo Martinó, com a mazurka *Hermengarda*

Distribuiram-se os diplomas de socios benemeritos n'um côro de estrepitosas saudações.

A' tarde houve

No Gymnasio

do Collegio exercicios a premio, sob a direcção do digno professor, snr. Ruas.

Concorreram os collegiaes Cypriano, Forte, Annibal L., Motta Prego, Araujo, Severino, Botelho, Lemos, Carmona, Nelson, A. Affonso. Todos revelaram qualidades apreciaveis.

Obtiveram os premios — alfinete d'ouro, etc. — Motta Prego, Severino e Nelson.

Tomaram a palma a todos em agilidade de saltos, Cypriano, e em exhibições de força muscular, Forte.

O snr. Ruas, laureado pela escola militar de Mafra, foi alvo de calorosas felicitações. Foram justas.

A.

Matriculem-se nas aulas de classe

Como varias familias nos perguntam qual o curso de preparatorios que melhor convem a seus filhos, diremos o nosso pensar a tal respeito.

a) Se o estudante se propõe seguir um *curso superior*, tem *necessidade* de se matricular nas aulas de classe, isto é, do actual regimen, ou nova reforma.

b) Se se destina á carreira ecclesiastica, pode fazer exames

nos seminarios, mas, sobretudo se tem meios e regular intelligencia, *mas lhe vale* matricular-se nas aulas de classe, porque servem para *todas as carreiras*.

c) Se tem em vista a *carreira commercial*, deve frequentar o *curso geral*, isto é, os 5 annos da classe; pois que esse curso dá uma base de conhecimentos geraes muito uteis, para aquella carreira.

d) Se o alumno não tenta seguir carreira, mas apenas obter um peculio de conhecimentos praticos, uteis e actuaes, com que possa fazer-se apresentavel na sociedade, deve tambem frequentar o *curso geral* do novo regimen.

H.

Escolher collegio

Os collegios não valem igualmente e d'ahi a necessidade de escolher entre elles o que mais preciosas qualidades reuna. E' assumpto em que as familias não devem andar de animo leve; porque a educação dos seus é caso de superior monta. A educação litteraria, moral e religiosa, o regimen disciplinar, a alimentação, a natureza do local, o valor das prestações, o corpo docente, o numero de alumnos, as garantias de estabilidade, as provas dadas, os creditos feitos, etc., tudo deve pesar na resolução de quem escolhe.

H.

Exames de classe

Desde o dia 10 a 15 de julho, procedeu-se no collegio aos exames de classe.

Serão enviadas ás familias as notas respectivas, para que possam conhecer, com exactidão, o estado de adiantamento dos alumnos.

Os que obtiveram mais elevada classificação foram:

1.^a classe. — Adolpho Mario de Salgueiro e Cunha e Manuel Joaquim Salgueiro e Cunha.

2.^a classe. — Alfredo Monteiro Soares d'Oliveira e Francisco Macambira de Brito Carneiro.

3.^a classe. — Amandio Pacheco Dias Freitas e Antonio Alves Pinheiro.

A estes estudiosos collegiaes, as nossas felicitações.

Collegio ou Lyceu?

Não se pode dizer em absoluto qual deva preferir se.

Se o estudante é de cidade onde ha Lyceu, e a familia tem vagar e competencia para o vigiar e dirigir, convirá-lhe o Lyceu.

Se, para seguir estudos, tem de deixar o seio da familia, então não ha hesitação possível: prefira-se o collegio.

Mas nisto ha de tambem considerar-se a idade do educando. A vida da rua, o convívio d'um externato indisciplinado e tolhido de más eivas, burla a candida inexperiencia dos primeiros annos, desmancha a educação maternal. Até aos quinze ou dezasseis annos o collegio é incontestavelmente vantajoso, *para todos*.

Mas no actual regimen de estudos não será uma garantia muito valiosa a frequencia no Lyceu? Respondo convictamente que não. Estou vendo exactamente o contrario de todas essas chamadas garantias: as classes dos lyceus sam terrivelmente desimadas: os exames, as faltas, o comportamento, as notas, tudo se conspira, para pôr em risco a frequencia lycial.

H.